

## Parte 2 - Vertentes diferenciadas do comportamento judaico brasileiro

### 1º capítulo - Identidade e etnicidade

A construção o de um lugar judeu no Recife

Rosa Bernarda Ludemir

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LUDEMIR, RB. A construção o de um lugar judeu no Recife. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 581-597. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## A construção o de um lugar judeu no Recife

Rosa Bernarda Ludemir<sup>1</sup>

O trabalho aqui apresentado é parte de uma pesquisa mais ampla, onde se investiga a existência de um modo judeu de uso e apropriação do espaço urbano e sua expressão na escolha e transformação de parte do bairro da Boa Vista, na cidade do Recife, entre as duas Guerras Mundiais. A pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano na Universidade Federal de Pernambuco, pretende contribuir para a construção de um conceito de lugar judeu que se aplique a essa parte da cidade entre os anos de 1914 e 1939.

### *1. A cidade conta a sua história*

As cidades trazem em si a história de cada um dos seus elementos e a história de sua própria existência. Em seus espaços, as paisagens resultam de um conjunto de forças que interagem e definem modos e formas das relações entre indivíduos e objetos, das intenções, preferências e possibilidades de cada sociedade. Nos lugares e fatos urbanos sobrepõem-se tempos e valores.

### *2. A instituição de um modo judeu de uso do espaço urbano*

Um modo judeu de uso e apropriação do espaço urbano se teria criado, consolidado e transformado dentro de um processo de confrontações e lutas pela conquista do poder e pela manutenção de hegemonias, pontuado por transmigrações e deslocamentos (Arendt, 1979), inserido num contexto histórico e cultural marcado por *eventos* que constituem, segundo Milton Santos (1997) os “*vetores da metamorfose que une objetos e ações*”.

#### *2.1. A história*

A história do povo judeu é pontuada por deslocamentos e dispersões, sobretudo por lutas de conquistas e perdas de um espaço físico onde se

---

<sup>1</sup> Arquiteta / Universidade Federal de Pernambuco.

instala a vida cotidiana. Os caminhos do povo judeu contam a história do movimento, formação e estruturação da nação e da cultura judaica e, também, o modo judeu de tratar o espaço. É uma história que começa no século XX a.E.C. com a saída de Abraão da Caldéia em busca de uma terra que se revela em sonho, a Terra Prometida e aos poucos conquistada. Na visão de Bloomfield (1996), Abraão seguiu construindo altares a Adonai, ato de apropriação da terra. Seria essa a raiz longínqua das práticas espaciais judaicas e do modo judeu de apropriação do espaço. Contribuem significativamente para a consolidação desse modo judeu em seu formato atual as tantas e tão frequentes migrações, a vida social em diáspora, o caráter simbólico de Jerusalém, a instituição dos guetos desde a Idade Média e a existência, na Idade Contemporânea, de um território internacional – a Zona de Assentamento como uma nova Babel – para onde foram enviados judeus de vários cantos da Europa Central e Oriental. Modelaram um modo próprio de uso do espaço.

## 2.2. *Jerusalém conquistada / Jerusalém virtual*

Lynch (1985) discorre sobre a importância da prática ritual e da existência de centros urbanos para a gestão territorial no surgimento das civilizações. Sem uma cidade simbólica não floresceram grandes povos. Jerusalém, cidade conquistada pelos judeus, capital do reino unificado de Israel e Judá, é o primeiro centro ritual desse povo e parece simbolizar, desde então, um território judeu virtual.

Em Jerusalém, Salomão construiu o Templo, destruído e reconstruído, insistentemente ameaçado pelos conquistadores de Israel numa comprovação de sua importância simbólica sobrevivente até os dias atuais: é para as ruínas do Templo, para o *Kotel* ou Muro das Lamentações, que os judeus voltam suas faces na oração.

Embora importante centro da judeidade, Jerusalém parece ter sido, desde tempos remotos, local simbólico. Quando Ciro I da Pérsia dominou a Babilônia onde os judeus da diáspora viviam em exílio e permitiu-lhes voltar a Jerusalém, em 539 a.E.C., o retorno só foi realizado por uma minoria (Eban, 1973). “*As margens do Eufrates nos assentamos e choramos. Que seque minha destra mão se eu me esquecer de ti, ó erusalém*”, diz o salmo 137. Para Geiger (1998), esse salmo demonstra que Jerusalém, mais que uma cidade, era um símbolo; mesmo que os judeus

preferissem a vida na Babilônia, mesmo que estivesse relegada à memória, Jerusalém representava a virtualidade territorial do mundo judeu.

Szekely (1940) propõe que Jerusalém, como arquétipo, se tenha repetido, dentro das condições possíveis, em cada um dos assentamentos judaicos da diáspora. Ainda nesse sentido acrescenta-se que, mesmo quando não há intenção explícita ou condições materiais ou históricas de retorno, os judeus finalizam suas orações recitando “*Em Jerusalém no ano que vem.*”

## 2.3. *Torah: a pátria portátil dos judeus*

Leopold Zunz, historiador da religião judaica no século XIX citado em artigo da revista *Morashá* (2001) diz que a *Torah* é “a pátria portátil dos judeus”. Ideia semelhante havia sido expressa nove séculos antes pelo rabino Saádía (citado no mesmo artigo): “Israel é um povo porque tem a *Torah*.”

O comportamento de grupos e o sentimento do migrante, sua inserção no ambiente novo e sua participação na construção da nova paisagem são discutidos por Milton Santos (1997). Quando, na página 262 do livro *A Natureza do Espaço*, fala sobre *os migrantes no lugar: da memória à descoberta*, diz que o indivíduo “*estava submetido a uma convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, os mesmos trajetos, as mesmas imagens, de cuja construção participava*”. Migrar é deixar atrás uma cultura herdada e encontrar uma outra. Defrontar com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, é sede de uma vigorosa alienação. Segue na página 263 dizendo:

“Para os migrantes, a memória é inútil. Trazem consigo todo um cabedal de lembranças e experiências criado em função de outro meio, e que de pouco lhes serve para a luta cotidiana. [...] Deixam a paisagem concreta e trazem a paisagem imaginada.”

Finaliza Santos dizendo que, ultrapassado um primeiro momento de espanto e atordoamento, “o espírito alerta se refaz, formulando a ideia de futuro”.

Josué de Castro (1954, p.43) em sua *Fisiologia dos Tabus*, coloca a relação intercultural em outros termos. Diz que:

De fato cada cultura é um mundo fechado ao entendimento das outras culturas, não na sua aparência, mas na sua interpretação fundamental.

Não há nunca uma absoluta compreensão mas, quando muito, um simples contágio entre culturas. (...J Serão sempre estranhas uma a outra, em vários pontos; exatamente nos pontos mais sensíveis, nos núcleos mais profundos da personalidade, onde ela reflete o inconsciente coletivo, a alma ancestral e ao mesmo tempo sobrevivente das culturas diferentes.

Szekely (1940) retoma a ideia da pátria portátil e diz que, além da Jerusalém arquetípica, a *Torah* é, como memória coletiva, também elemento criador do modo judeu de uso e apropriação do espaço, o que justificaria a semelhança espacial entre tantos assentamentos judaicos localizados em lugares distintos. Ao contrário de adotarem padrões espaciais existentes nos locais onde se instalam, os judeus mantêm seu modo de uso do espaço e intervenção na paisagem. Imigrantes, parecendo por fora se submeter totalmente e conformar-se com as expectativas do meio externo, “*de fato metaforizam a ordem dominante*” (de Certeau, 1994).

### 3. O gueto

Na Europa medieval, os judeus ficaram fora das principais correntes da vida política, social e cultural. Formavam uma classe à parte, sem direitos de cidadão. Eram segregados espacialmente e isolados do contato social com o mundo não judeu a seu redor. Segregação e exclusão (Gomes, 1998) são “*clássicos ícones do processo de cristalização, no espaço, das práticas sociais*”.

Esse isolamento foi simbolizado pela instituição do gueto – palavra que data com esse significado do ano de 1516 quando, na República de Veneza, se ordenou a segregação dos judeus num bairro especial, anteriormente conhecido como o “*Ghetto Nuovo*” ou “*Fundição Nova*”. Os judeus se localizavam na face externa das muralhas da cidade e eram-lhes fechados os portões em determinadas circunstâncias e horários. Esse formato de segregação espacial já se fazia presente em outras localidades. É paulatinamente abolido a partir de 1789 com a Revolução Francesa, cujas ideias levaram à emancipação dos judeus nos países conquistados por Napoleão Bonaparte. Em 1940 os guetos foram reinstituídos no império alemão em condições infinitamente mais restritivas.

Eban (1973) diz que, se no gueto o indivíduo se via privado em seu confinamento, a vida judaica em grupo florescia. “*Surgiu no gueto uma*

*forma de organização comunitária que foi quase uniforme em todas as cidades da Europa*”. Diferente do que acontece em outros assentamentos étnicos, nos guetos a segregação permitiu a manutenção de uma sociedade singularmente judaica.

Para Szekely (1940), o gueto é uma via de mão dupla – imposta pelos não judeus e pretendido pelos judeus. Os preceitos religiosos e a prática social própria aos judeus levam à sua manutenção. A segregação dos guetos é protetora da identidade cultural e religiosa e, em certas circunstâncias históricas, da idoneidade física dos membros das comunidades judaicas tanto quanto foi impedimento ao exercício de cidadania e inserção dos judeus nas sociedades das quais viviam à margem. Graças à segregação espacial e à exclusão social foi possível manter a identidade judaica ao longo dos séculos da diáspora.

Ao analisar os guetos urbanos e a distribuição espacial de minorias étnicas, Vaughan (1994, 1999, 2000) discute a sua instituição e coloca a sua importância para a manutenção da identidade cultural do grupo. A palavra gueto, inicialmente usada para descrever tanto o enclausuramento imposto aos judeus como o agrupamento espontâneo de imigrantes ou minorias sugere, segundo Vaughan, que a percepção do gueto está relacionada a duas noções: segregação e nicho (ou cluster). Faz estudos comparativos entre diversos nichos judeus e não judeus, num fenômeno por ela denominado *clustering by choice*, para concluir que “*o gueto é uma questão de percepção e não necessariamente de fatos*”<sup>2</sup> e que “*a inteligibilidade do assentamento judeu, e não simplesmente seu grau de segregação, o distingue de outros assentamentos em nicho*”<sup>3</sup>. Há um modo judeu de uso e apropriação do espaço. Suas práticas sociais têm como reflexo certas práticas espaciais.

### 4. Bairros étnicos

Pesquisadores de diversas áreas do conhecimento vêm estudando o fenômeno dos bairros étnicos, na sua existência e conformação marcadas

<sup>2</sup> Tradução minha para o texto original “Ghettoisation is a matter of perception and not necessarily of facts”.

<sup>3</sup> Tradução minha para o texto original “the intelligibility of the Jewish settlement, and not simply its degree of segregation, distinguishes it from other cluster settlements”.

culturalmente pela presença de pessoas ou grupos estranhos ao meio onde se inserem.

Rouanet (1993) discute fatores que condicionam o comportamento, a percepção e a interação de pessoas com meios que lhes são estranhos. “*Como ver uma cidade estrangeira sem os fantasmas culturais que moram em nós?*” Citando Freud, refere-se ao sentimento do viajante, do migrante em particular, que o faria buscar a identificação e se agrupar em torno de seus semelhantes, ressaltando a ambivalência da viagem como “*uma experiência avassaladora porque significa enfrentar perigos desconhecidos, e uma fonte de remorsos porque implica o desejo culposos de libertar-se de uma vida de família vivida como insatisfatória*”.

Berger e Luckmann (1991) falam da coesão social decorrente de experiências compartilhadas, que se reforça pela segregação espacial, importante para a liberdade de expressão e compreensão da exteriorização dos gestos de membros de um mesmo grupo.

Expostos a experiências comuns nos seus lugares de origem e enfrentando situações semelhantes de inserção na nova sociedade, imigrantes tendem a se agrupar em torno de uma nacionalidade. Judeus das mais variadas procedências, com importantes diferenças de hábitos, condições materiais e memórias agrupam-se, não em torno de uma nacionalidade em comum, mas em torno do fato de serem judeus, reforçando a ideia da *Torah* como pátria portátil.

Rachel Mizrahi (2000), ao falar dos imigrantes judeus do Oriente Médio em São Paulo, assinala que esse grupo no Brasil, à semelhança de outros lugares, assentou-se em bairros já ocupados por imigrantes. Fania Fridman (2002) faz constatação semelhante com relação ao assentamento dos imigrantes judeus no Rio de Janeiro.

Também assim aconteceu em Recife na primeira metade do século XX, indica nossa pesquisa. Na então cidade cosmopolita viviam em Recife diversos estrangeiros, inseridos individualmente ao longo do tecido urbano. Apenas um grupo, os ingleses da Fundação Aurora, assentaram-se em conjunto ao redor da fábrica, nas imediações do Cais José Mariano (Menezes, 1988). É exatamente na vizinhança desse cais que se estabelece o assentamento judaico em Recife.

## 5. A presença dos judeus em Pernambuco

A presença de judeus no Brasil vem de datas anteriores e com grau maior de importância do que costumam citar alguns livros de História do Brasil. A instalação da Santa Inquisição na Península Ibérica no final do século XV forçou a conversão de judeus em cristãos-novos ou marranos que daí fugiram e buscaram no Novo Mundo liberdade de expressão religiosa (Eban, 1973). A presença dos judeus em Pernambuco é marcada por três etapas distintas.

### 5.1. Os marranos no Brasil colonial

Há indicações da presença de judeus e marranos já na esquadra de Pedro Álvares Cabral em 1500. Mello (1989) diz que no período entre o descobrimento e as primeiras expedições colonizadoras, a exploração de recursos naturais e a proteção da costa brasileira foram entregues a um consórcio de judeus capitaneado por Fernando de Noronha. Também Tomé de Souza, governador-geral do Brasil, teria origem judaica. A importância da capitania de Pernambuco nesse período histórico trouxe judeus professantes e marranos para a administração dos negócios da coroa e para a instalação dos engenhos de açúcar.

### 5.2. Os sefaradim no século XVII

Durante a Idade Média, na Espanha (*Sefarad*), em Portugal e nas costas do Mar Mediterrâneo prosperaram as comunidades de judeus *sefaradim*. Falavam o ladino, idioma parecido com o português, escrito com alfabeto hebraico. Com a instalação da Santa Inquisição, foram expulsos da Espanha e de Portugal e seguiram, entre outros destinos, para a Holanda (Eban, 1973). Chegaram a Pernambuco no século XVII com a Companhia das Índias Ocidentais e a corte do príncipe Maurício de Nassau e formaram a primeira comunidade a se instalar em Recife e no Novo Mundo. Eram detentores do conhecimento de comércio internacional e donos das redes de comunicação. A expulsão dos holandeses, com a reinstalação do governo português e a presença do Tribunal do Santo Ofício, representou a dissolução dessa comunidade. É possível que alguns judeus tenham ficado nas terras afastadas do litoral, assumindo a postura dos marranos ou cripto-judeus,

como parecem demonstrar estudos de hábitos e crenças do povo nordestino que se assemelham a hábitos e tradições judaicas (Casudo, 1970).

### 5.3. Os ashkenazim no século XX

Um conjunto de situações econômicas, sociais e políticas provocou uma grande onda de emigração de judeus *ashkenazim* do leste europeu nos finais do século XIX. Essa onda se acentuou a partir de 1914, com a Guerra Mundial I e de 1917, com a Revolução Russa. O destino de desejo de muitos desses judeus era os Estados Unidos. O *Immigration Act* estabeleceu já no início do século XX um sistema de cotas e um rigoroso controle que restringiu a imigração para os Estados Unidos. Outros países do continente americano, entre eles o Brasil, foram incluídos como possíveis destinos de fuga dos *pogroms*<sup>4</sup>. Recife era o primeiro porto para muitas rotas que se iniciavam na França, Espanha, Portugal e norte da África.

A partir de 1914 começam a chegar em Recife grupos mais numerosos de judeus. Diz Tânia Kaufman (2000) que “em 1911 havia oito rapazes judeus em Recife. Em 1914, havia mais de 4 *minianim*”<sup>5</sup>. Falando iídiche, provenientes predominantemente dos *shetlech* da Bessarábia, Polônia, Ucrânia, Galícia e Lituânia, uma minoria oriunda de cidades grandes como Viena, Kiev e Odessa, foram aos poucos se inserindo no mercado de trabalho na sociedade local. Uns poucos judeus que chegaram a Pernambuco nesse momento dirigiram-se para vilas rurais na zona de produção açucareira do Estado. A demora para a liberação de títulos provisórios de posse de terra e a falta de um meio cultural adequado interromperam essa experiência. Logo também esses ocuparam a Boa Vista.

## 6. A boa vista do Recife

Se tomamos a cidade como um discurso estruturado, como o faz Barthes (1986), podemos ler nas ruas da Boa Vista parte de como foi escrita a sua história. Tentamos identificar elementos existentes e introduzidos

---

<sup>4</sup> *Pogroms* eram perseguições aos judeus realizadas no *Pale* ou Zona de Assentamento, que se intensificaram no final do século XIX. Caracterizavam-se pelo alto grau de violência, com ataques físicos, saques e violação de propriedade.

<sup>5</sup> Uma *minian* (*minianim* no plural) é o grupo mínimo de dez homens aptos a ler a *Torah*, sem o qual não se realizam as celebrações coletivas judaicas.

pelos judeus entre os anos de 1914 e 1939 que contribuíram para criar um espaço judeu na Boa Vista<sup>6</sup>.

### 6.1. Segregação espacial

Eban (1973) cita a insistência com que os rabinos desde a Antiguidade até a Idade Contemporânea repetiam: “*Construam um muro em torno da Torah!*” Esse comando, mais uma indicação que uma lei a ser cumprida, foi seguido pelas comunidades judaicas da diáspora (Szekely, 1940) e talvez tenha contribuído para que se estabelecesse um modo judeu de uso do espaço urbano.

A parte da Boa Vista ocupada pelos judeus entre os anos de 1914 e 1939 tinha muros ou estruturas que a isolavam do tecido urbano imediatamente vizinho, como mostram os mapas apresentados por Menezes (1988). Limitava-se a norte e sul pelo Rio Capibaribe e cais José Mariano e por uma fazenda para além da Rua José de Alencar por onde não se caminhava e, a leste e oeste, pelo terreno alagado dos Coelhos e pela Rua Formosa ou Avenida Conde da Boa Vista que até hoje parece dividir o bairro em duas seções distintas, uma de ruas tortuosas e estreitas, ocupadas pelos judeus, e outra de traçado regular pombalino. Assim configurado, esse setor da cidade era um lugar de parada, nunca de passagem. Era, se usarmos o vocabulário de Vaughan (1994) em suas análises da morfologia urbana, segregado por barreiras, com baixo grau de permeabilidade.

### 6.2. Outros lugares do Recife

Outros lugares do Recife poderiam ser parecidos com a Boa Vista. Os traçados dos vizinhos bairros de Santo Antônio e São José apresentam características semelhantes. Segundo dados encontrados em pesquisas de jornais da época, os preços de locação de imóveis aí também equivaliam aos da Boa Vista. Apesar de não serem objeto de nosso estudo no presente trabalho e de não terem sido o lugar escolhido pelos judeus, indicamos aí uma grande concentração de edifícios religiosos católicos, igrejas e sedes de congregações e irmandades. Segundo Freud, alguns elementos urbanos

---

<sup>6</sup> A Boa Vista é um bairro maior que a área em estudo. Denomina-se aqui Boa Vista parte do bairro com esse nome delimitada pelo Rio Capibaribe e por terreno não loteado a norte e sul, e pela avenida Conde da Boa Vista e o alagado dos Coelhos a leste e oeste.

podem estar associados a significados pessoais ou de grupo de maneira a se configurarem como elementos de repulsa. Alguns judeus relataram que sentiam medo nesses lugares.

### 6.3. Um padrão

Os judeus da comunidade *ashkenazi* a se instalarem em Pernambuco no século XX não ocuparam o Bairro do Recife, onde se havia constituído a comunidade *sefaradi* do século XVII. Ney Dantas (1998) fala das grandes reformas do Bairro do Recife no começo do século XX, que ampliava seu porto e construía uma nova imagem, a imagem moderna da cidade. Isso poderia significar altos preços de locação de imóveis, como confirmam os anúncios de jornais, incompatíveis com a situação econômica dos recém-imigrados. Entretanto, a relação física entre as duas comunidades judaicas em Recife repete um padrão identificado por Friesel (1990). Friesel se refere a um padrão de inserção e expansão dos assentamentos judaicos, que se repete no tecido velho da Europa como no tecido novo da América, variando em função de três categorias classificatórias: a implantação de uma comunidade nova; a existência de uma comunidade instalada desde a Idade Média ou Moderna e que se expande ou cria novos núcleos; ou a existência de uma comunidade judaica anteriormente instalada e sem continuidade. Nesse caso, uma segunda comunidade tende a se instalar na margem oposta ao rio, como se constata em Recife.

### 6.4. Morfologia urbana

Estrangeiros, fugitivos de perseguições racistas e religiosas, os imigrantes judeus encontraram em parte da Boa Vista um traçado urbano que lhes era adequado. As quadras, circundadas por elementos edificados, mantinham pátios internos livres. Aí era possível realizar as celebrações coletivas judaicas, diferentes dos rituais católicos a que estava acostumada a população recifense, sem que se expusessem os judeus à curiosidade ou interferências de outro tipo. Essa mesma morfologia de quadras permitia, na realização das atividades cotidianas, que se estabelecesse um tipo de relação interpessoal em Recife semelhante à do *shtetl*. Vários são os relatos sobre quintais compartilhados, sobre muros intencionalmente demolidos para permitir a proximidade entre vizinhos.

Apesar de segregada da malha urbana por barreiras naturais, essa parte da Boa Vista era próxima ao mercado consumidor dos prestamistas ou mascates, ocupação frequente entre os recém-imigrados.

### 6.5. A implantação das estruturas simbólicas

Em seu livro *Imigrantes Judeus, Escritores Brasileiros*, Regina Igel (1997) dedica um vasto capítulo às *Memórias do Espaço Urbano*. Vários escritores por ela estudados relatam o processo de apropriação do espaço urbano e de construção de um modo judeu de viver no Brasil. Citam a chegada de novos patrícios, a implantação das sinagogas, das primeiras salas de aula, da construção das escolas, da coleta de fundos para as campanhas diversas. Tânia Kaufman (2000) apresenta relatos de judeus imigrantes no Recife com referências semelhantes.

É a partir da instalação dessas estruturas simbólicas que se constrói o lugar judeu em Recife. Ou, como diz Geiger (1988), “*chegando a novos lugares, a judeidade imprime sua marca nos territórios*”. Dentro de um polígono com pouco mais de 35 hectares, foram-se instalando as instituições e as residências, num processo inominado mas como que intencional de dar densidade judaica ao lugar.

Atividades religiosas e educacionais ocupavam o mesmo espaço físico nos momentos iniciais da comunidade. As sinagogas se multiplicaram e se fizeram distintas entre *sefaradim* e *ashkenazim*. A escola mudou-se várias vezes para comportar o número crescente de alunos. Cerca de 15 entidades culturais, sociais e esportivas se implantaram. Os grêmios e clubes de leitura se faziam presentes. Às entidades de ajuda mútua somaram-se as entidades juvenis e as sociedades femininas de serviço.

Uma lista dessas instituições indica, entre outros, o crescimento populacional e organizacional da comunidade judaica do Recife. Um mapa dessas instituições demonstra a apropriação do espaço. Com uma população inferior a 1000 pessoas, segundo dados pouco precisos e carentes de verificação do Censo de 1940 do IBGE, os judeus tornaram-se maioria naquela parte da Boa Vista. Ali “*sentiam-se em casa*” conforme significativos relatos.

## 6.6. *Di idiche ghesheftn*

O processo de apropriação se coloca em sua expressão máxima na ocupação da Rua da Imperatriz, rua de maior integração do lugar judeu da Boa Vista. Antes rua de largos sobrados com uso residencial e pequeno uso comercial, a partir da chegada dos judeus tornou-se a Rua do Comércio. Em depoimento a Tânia Kaufman (2000), Tamara Jacobovits Grinfeld faz um minucioso relato de cada uma das lojas de judeus instaladas na Rua da Imperatriz e nas suas imediações para concluir que ali ficava *Di Idiche Guesheftn*<sup>7</sup>. Até o final dos anos 1970, quando da implantação dos shopping centers no Recife, a Rua da Imperatriz se mantinha hegemônica como a Rua do Comércio da Cidade.

## 6.7. *A Praça Maciel Pinheiro*

Igualmente importante é a ambiência da Praça Maciel Pinheiro, ponto final da Rua da Imperatriz e ponto de confluência das ruas onde se localizaram as residências das famílias judaicas. Ali se instalaram, simultaneamente ou em diferentes momentos dentro do horizonte temporal de 25 anos que estamos estudando, grandes e pequenas lojas comerciais, a escola, o clube, restaurantes e hospedarias para judeus, quitandas com alimentação *kasher*<sup>8</sup>, consultórios médicos, escritórios de advocacia e contabilidade e prestadores de serviço diversos gerenciados ou direcionados para os usuários judeus.

Vários depoimentos de antigos moradores judeus e não judeus da Boa Vista realçam a importância da Praça Maciel Pinheiro para os judeus. Era ali que as mulheres se encontravam quando iam às compras, que os velhos tomavam sol enquanto discutiam “os destinos do mundo”, que as crianças se encontravam depois da escola, era ali que os homens se reuniam depois do trabalho e antes dos ofícios religiosos. De um dos depoimentos extraímos o seguinte trecho:

Na Praça Maciel Pinheiro se juntava aquela gente estranha, diferente. Quando o comércio fechava e aqueles homens saíam das lojas, os meninos voltavam da escola, todo mundo junto a falar aquela língua

<sup>7</sup> O Comércio Judeu.

<sup>8</sup> Adequado às leis judaicas.

diferente... Aquele povo que vendia roupas caras estava ali vestindo uma outra moda. (...) E quando se danavam a cantar, aí então, pronto. Eram legais, queriam ser amigos, falavam com a gente tentando dizer coisas em português. E que português! Só não chegasse perto deles quando era a hora do noticiário. Também, chegar perto prá que? A gente não entendia nada mesmo! E eles não desgrudavam do rádio para nada nessa hora. Ah, aquilo nem era Recife; parecia um outro lugar do mundo.

O depoimento de um desses judeus que se reunia, no final dos anos 1930, na Praça Maciel Pinheiro, faz referência aos mesmos fatos. Conclui, entretanto, com um sentido bastante diferente.

Era ali que a gente se encontrava. Era ali que a gente via que a comunidade estava viva e crescia reunida. Era ali que a gente sentia saudade, ficava feliz por ter conseguido fugir e chorava pelos que morriam lá longe. Ai ai ai, era na Praça Maciel Pinheiro que eu mais me sentia em casa. Quanto mais velho a gente fica, menina, mais saudade vai carregando dentro do peito. Sei que não dá para trazer de volta os que partiram, mas se pudesse eu restaurava alguma coisa, não sei bem o que, alguma coisa na Praça, na vida...

## 6.8. *A dispersão*

A partir de 1939, mais ou menos 25 anos depois da chegada dos primeiros contingentes de imigrantes, já inseridos social e economicamente na sociedade, os judeus se espalharam. Acompanharam a classe média e alta na ocupação do território da cidade do Recife. Dispersam-se, ao contrário da concentração inicialmente observada.

... Graças a esta dispersão interior, graças a esta vacuidade, inclusive no espaço do pensamento, conquistam a liberdade exterior. Lançam-se no mundo da liberdade de movimentos e ganham a liberdade interna. (...) Uma efervescência que os faz não se localizarem. É isto que o nazismo quer quebrar e reconcentrar ... o campo de concentração. (Medan, 1993, p.22)

## 7. *Perguntas recorrentes*

Essas constatações nos levam a algumas suposições e à formulação de novas hipóteses que direcionam outras etapas da pesquisa.



Na primeira parte do trabalho, discutimos a existência de um modo judeu de uso e apropriação do espaço que se teria estruturado em decorrência da sua história e do seu conjunto de crenças, do formato de vida em diáspora, da existência de guetos, de *shtetlech* e do *Pale* ou Zona de Assentamento, nas tantas migrações e nas características das sociedades onde se inserem os judeus, carregando consigo a *Torah* e a *Jerusalém virtual* junto com o sentimento de migrar.

Referimo-nos à existência de bairros étnicos que expressam a cultura dos seus ocupantes, apontando a Boa Vista como evidência desse fenômeno ou, colocado de outra forma, como práticas sociais contêm ou desencadeiam expressões espaciais.

Para caracterizar o universo humano de que estamos tratando, fazemos a distinção dos momentos diversos da presença de judeus em Pernambuco – os marranos dos primórdios da colonização, os *sefaradim* que vieram com os holandeses e, finalmente, os *ashkenazim* do século XX.

Considerando a cidade como um discurso estruturado, buscamos ler nas ruas do Recife a história que elas podem contar. Analisamos a Boa Vista sob uma perspectiva morfológica, identificando no modo de inserção da comunidade judaica do Recife a concordância com certos padrões judeus de uso do espaço urbano. A morfologia das quadras e a relação do bairro da Boa Vista com o tecido da cidade podem ter condicionado a escolha do lugar.

A apropriação se evidencia com a densidade de ocupação, com a instalação do comércio judeu e com a transformação da paisagem exemplificada pela Praça Maciel Pinheiro. A inserção dos judeus na sociedade se comprova com a dispersão. Construído um lugar judeu no Recife, aparece o brasileiro que preserva sua identidade judaica.

### **Referências bibliográficas**

- ARENDDT Hannah. *As Origens do Totalitarismo – Antissemitismo, Instrumento do Poder; Uma Análise Dialética*. 2º edição brasileira, Rio de Janeiro, Editora Documentário, 1979.
- BARTHES, Roland. 'Semiotics and the Urban'. In GOTTDIENER, M. and LAGOPOULOS, A. *The City and The Sign: An Introduction to Urban Semiotics*, New York, Columbia University Press, 1986.

BERGER Peter & LUCK\_MANN, Thomas. *The Social Construction of Reality – A Treatise in the Sociology of Knowledge*. London, Penguin Books. 1991.

BLOOMFIELD, Sônia R. 'Eretz Yisroel: Território e Identidade Judaica', pp.47-61, in *Revista Espaço e Cultura* no. 6, UFRJ/NEPEC, Rio de Janeiro. 1994.

CASTRO, Josué. *Fisiologia dos Tabus*. 2 edição, Rio de Janeiro, Companhia Lithographica Ypiranga, 1954.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis, Editora Vozes, 1994.

DANTAS, Ney Brito. *Chaos in the Drawing Room: Image Making and Image Breaking in the Experience of Urban Regulation in Recife*. Tese de Doutorado apresentada na Architectural Association School of Architecture, Open University, Londres, 1998, gentilmente cedida pelo autor.

EBAN, Abba. *A História do Povo Judeu*. Rio de Janeiro, Bloch Editores S.A., 1973.

EINSTEIN, Stephen & KUKOFF, Lydia. *Every Person's Guide to Judaism*. New York, UAHC Press, 1989.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. In P edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, 1970.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos – Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano*. 2ª edição, São Paulo, Livraria José Olympio Editora, 1951.

FRIDMAN, Fania e EARP, Fábio. 'Mascates Judeus no Rio de Janeiro'. Trabalho apresentado no *III Encontro de Estudos Judaicos*, ainda não publicado. Citação autorizada.

FRIESEL, Evyatar. *Atlas of Modern Jewish History*. Jerusalem, Carta – the Israel Map and Publishing Company Ltd., 1990.

GEIGER, Pedro Pinchas. 'O povo judeu e o espaço', pp.86-104 in *Revista Território*, n.5, Rio de Janeiro, LAGET/UFRJ/ Garamond, 1998.

IGEL, Regina. *Imigrantes Judeus, Escritores Brasileiros*. São Paulo, Editora Perspectiva; Associação Universitária da Cultura Judaica; Banco Safra, 1997.

JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

KAUFMAN, Tânia. *Passos Perdidos, História Recuperada. A presença Judaica em Pernambuco*. Recife, Editora Bagaço, 2000.

LYNCH, Kevin. *La buena forma de la ciudad*. Barcelona, Colección Arquitectura/Perspectivas, Editorial Gustavo Gili, 1985.

LYNCH, Kevin. *L'Image de la Cité Paris*, Bordas, 1976.

MEDAN, Allan. 'L'Espace Temps des Juifs'. In *Espace et Societé*, no.12, pp.9-29. Paris, 1993.

MENEZES, José Luiz Mota. *Atlas Histórico Cartografico do Recife*. Recife, FUNDAJ e Editora Massangana, 1988.

MEZAN, Renato. *Caminhos do povo judeu*. três volumes. São Paulo: Federação Israelita do Estado de São Paulo, departamento de publicações. 2ª edição, 1982.

MIZRAHI, Rachel. *Imigrantes judeus do Oriente Médio em São Paulo e no Rio de Janeiro*. Tese de doutoramento. USP. 2000.

SANTOS, Milton. *A NATUREZA DO ESPAÇO – Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 2. Edição, São Paulo, HUCITEC, 1997.

SETTE, Mário. *Arruar – História Pitoresca do Recife Antigo*. 3ª edição, Recife, Coleção Pernambucana, Volume XII, Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

SZEKELY, Béla. *El Antisemitismo. Su Historia – Su Sociologia – Su Psicología*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1940

TUAN, Yi-fu – *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo. DIFEL, 1983.

VAUGHAN, L. *The Jews in London 1695 6- 1895* . London, University College London, master's thesis. 1994 – gentilmente cedida pela autora.

VAUGHAN, L. *Clustering, Segregation and the 'Ghetto': the spatialisation of Jewish settlement in Manchester and Leeds in the 19th century*, Ph.D. Thesis, University College London, 1999, gentilmente cedida pela autora.

VAUGHAN, L. & PENN, A. *The Jewish 'Ghetto' – Formation and Spatial Structure*. Trabalho apresentado no *Space Syntax Symposium*, Atlanta, 2000, gentilmente cedido pela autora.